

Lucas Rodrigues Oliveira  
org.

# Educação

## Dilemas contemporâneos

---

**Volume XIII**



2022

**Lucas Rodrigues Oliveira**  
Organizador

**Educação: dilemas contemporâneos**  
**Volume XIII**



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu  
Profa. Dra. Allys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña  
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. MSc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira  
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto  
Prof. MSc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira  
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez  
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira  
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Profa. Dra. Patrícia Maurer  
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira  
Profa. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
IF SUDESTE MG  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Mun. Rio de Janeiro  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
Mun. de Chap. do Sul  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico  
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior  
- Esp. Maurício Amormino Júnior  
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume XIII / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 89p.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-56-3 DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786581460563">https://doi.org/10.46420/9786581460563</a>  1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues.  CDD 370.1
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)



## **Apresentação**

Vivemos em uma sociedade marcada pelo uso massivo da tecnologia, em que as transformações são constantes e acontecem em uma velocidade alucinante, difícil até mesmo de ser acompanhada. Nesse contexto, tendo como foco a escola e os seus processos educativos, é necessário entender que, para que haja uma aprendizagem significativa, as transformações sociais não podem ser ignoradas pela educação.

Por isso, sabendo da necessidade de constante reflexão sobre a educação nacional, apresentamos o décimo terceiro volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos” – que, desde seu primeiro volume, tem o objetivo de abrir espaço aos debates a respeito dos processos educativos.

Esse volume é composto por cinco capítulos e tem o objetivo de prosseguir com as discussões e reflexões acerca da educação nacional que, desde sempre, é composta por lacunas que precisam ser entendidas e preenchidas, para que todos indivíduos possam ter acesso a uma educação de qualidade, em todas as etapas e modalidades.

O primeiro capítulo reflete sobre o papel dos tutores nos cursos EAD. O segundo capítulo traz com o título “Política pública na educação: Atores Privados x Poder Público”. Na sequência, há um capítulo sobre “A pressão social e o uso do psicoestimulante metilfenidato em estudantes de um pré-vestibular na região do cariri”.

Na parte final, outro importante capítulo desse livro é “Entre ciência e religião: distanciamentos e aproximações da fé na formação em psicologia” e, por fim, o capítulo “As tecnologias educacionais de informação e comunicação (TIC’s) no ensino superior otimizando o processo de ensino e aprendizagem”.

**Lucas Rodrigues Oliveira**


## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo 1.....</b>	<b>6</b>
Reflexão sobre o papel dos tutores nos cursos EAD .....	6
<b>Capítulo 2.....</b>	<b>15</b>
Política pública na educação: Atores Privados x Poder Público .....	15
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>33</b>
A pressão social e o uso do psicoestimulante metilfenidato em estudantes de um pré-vestibular na região do Cariri.....	33
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>59</b>
Entre ciência e religião: distanciamentos e aproximações da fé na formação em psicologia .....	59
<b>Capítulo 5.....</b>	<b>75</b>
As tecnologias educacionais de informação e comunicação (TIC's) no ensino superior otimizando o processo de ensino e aprendizagem.....	75
<b>Índice Remissivo .....</b>	<b>88</b>
<b>Sobre o organizador.....</b>	<b>89</b>

## A pressão social e o uso do psicoestimulante metilfenidato em estudantes de um pré-vestibular na região do Cariri

Recebido em: 28/07/2022

Aceito em: 01/08/2022

 10.46420/9786581460563cap3

Tainná Barreto Feitoza<sup>1</sup> 

Bryan Silva Andrade<sup>2\*</sup> 

### INTRODUÇÃO

Dentro do conhecimento médico, a medicalização é compreendida como uma forma de mediar a existência de padecimentos humanos há um bem-estar do mesmo. O Adoecer deixou de existir apenas sobre a ótica biológica e passou a ser estudado e tratado no campo social e político, tendo como base a medicina que propõe a cura.

Com advento da ciência, a busca de uma realização pessoal constitui-se em uma condição de padrão ideal, que pode tornar o sujeito dependente de um sistema científico. Tal sistema exige cada vez mais áreas específicas do conhecimento para tratar de características culturais, que são por vezes, visualizadas dentro de um campo biológico como não funcional para realização pessoal/cultural do sujeito.

Entendendo-se que o funcionamento do sujeito deve ser pautado em um alto conhecimento, e conseqüentemente, grande escala de produtividade. Tais características são vislumbradas como metas sociais que devem ser almeçadas e alcançadas por todos aqueles que estão imersos ao sistema, estando sujeito a uma visão marginalizada e/ou muitas vezes doentia, aqueles que não correspondem ao padrão.

Mediante a esta situação os indivíduos buscam mudanças em seu modo de vida, sem necessariamente estar doente. Tais procuras são apenas para corresponder algo socialmente idealizado e ser visualizado dentro do sistema cultural que lhe rodeia.

Entende-se que as construções acadêmicas concretizam a aquisição de um emprego socialmente reconhecido; e para obter tal emprego deve-se alcançar altos níveis de conhecimento, que tendem a começar pela formação de nível superior.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO); Mestranda em Análise do Comportamento Aplicada (PARADIGMA); Especialista em Saúde Coletiva com ênfase em Gestão de Redes (ESPPE); Especialista em Transtorno do Espectro do Autismo (INESP); Especialista em Intervenção ABA para Autismo e deficiência intelectual (CBI); Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Paraíso (UniFAP).

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Especialista em TTC pela Universidade do Estado do Ceará (UECE); Psicólogo da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

\* Autor correspondente: bryanpsicologia@gmail.com.

A formação de nível superior acenderá meios de qualificação de mão de obra diferenciada. No Brasil, para acessar o ensino superior todos devem se submeter ao sistema do vestibular ou ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), que por sua vez, faz uso de vagas limitadas, sendo aprovados aqueles que se destacam dentro das vagas autorizadas.

Visualizando a necessidade de ser qualificado e se submeter aos vestibulares e ao ENEM para acessar o ensino superior, os estudantes passam a frequentar cursinhos pré-vestibulares, que buscam treiná-los e aperfeiçoá-los para a competitividade das vagas desejadas e imersão ao contexto esperado pelo social.

Diante do exposto, trabalha-se com a hipótese que devido a uma pressão social os alunos usam a medicação para corresponder a um contexto cultural. Para tanto, o objetivo geral da pesquisa é analisar o uso do psicoestimulante Metilfenidato por estudantes de um cursinho pré-vestibular da região do Cariri.

Possuindo como objetivos específicos esquematizar um perfil dos estudantes do pré-vestibular pesquisados; verificar a incidência do uso do Metilfenidato, bem como, o contexto deste uso.

Diante da necessidade na literatura de ampliação de novos campos que possam ser encontrados o uso de metilfenidato e uma melhor compreensão do que leva os usuários a entrarem nesse processo de doping cognitivo, faz-se importante tal pesquisa, pois ao ampliarmos o meio científico com mais estudos e evidências poderá ser melhor compreendido tal processo é analisado com mais veracidade o que o uso de psicoestimulantes, aqui limitado ao metilfenidato, pode proporcionar no contexto social e individual do sujeito.

### ***RELAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO HOMEM***

Para compreender o homem na vertente Sócio-Histórica, deve-se iniciar pela relação estabelecida deste com seu mundo. A consciência e a atividade exercida, estabelecem o fenômeno psicológico, que corresponde a vivência do sujeito no contexto social que lhe constrói, na medida que ele a constrói (Aguilar et al., 2009).

A linguagem é um produto do meio cultural que permite ao homem se modificar e modificar o mesmo, assim como interagir dentro da coletividade. Com articulações, gera frases que permitem a perpetuação dos conhecimentos e valores culturais, criados mediante ao trabalho para sustento do grupo social (Lane, 2012).

A atividade é compreendida como algo além do que é realizado como laboral; significando então, tudo que se encontra como ação que faz do ser, um ser humano definitivo. A atividade permite certificar o sujeito como ser particular, pois apesar de existir um leque de possibilidades para a atuação, que são os significados, o homem escolhe uma ação da cultura para realizar, o que promove a consciência (Furtado; Svartman, 2009).



O individual e o grupal se constituem simultaneamente, sem que o primeiro anule o segundo, ou que, seu inverso aconteça. Identificando o processo de mediação, que corresponde a instância que organiza a interação indivíduo/grupal, garantindo a característica de ambos, bem como, sua importância e implicação (Aguiar et al., 2009).

Segundo Lane (2012), Skinner, Piaget, Vygotski, Malrieu ou Leoniev, vão apresentar em seus trabalhos como condição primária da linguagem do sujeito o diálogo e a interação social; que perante a esse processo se constitui uma representação de mundo que forma o ser em dinamismo com a sua cultura.

Há uma importância dos significados e sentidos dentro da relação do homem com seu meio social. Os significados correspondem às questões históricas e sociais que garantem o diálogo entre as pessoas e a formação das mesmas. Quando adquiridos, são transformados em sentidos que estabelece a consciência individual que não se faz oposta ao social (Aguiar et al., 2009).

A consciência é representada por dois elementos: um fenômeno psicológico, correspondente a subjetividade e ação particular do sujeito no meio, e por uma vertente que configura a subjetividade social, garantindo a menção de momentos históricos e uma direção (Furtado; Svartman, 2009)

A necessidade surge de uma influência do social, a qual o sujeito não consegue se contrapor, por não possuir um controle, pois é vinculado a uma origem involuntária. A busca para satisfazer tal necessidade, se dá pela significação, no qual se estabelece um motivo no mundo social que supra a necessidade (Aguiar et al., 2009).

No modo de produção capitalista segundo Furtado e Svartman (2009), o contexto social produz uma necessidade de capital, na qual estabelece que o homem capacitado, é aquele que é aprovado e reconhecido socialmente pelo que produz e agrega para consumir. Porém, tal realidade cultural tem promovido efeitos psicossociais que afetam a saúde do século.

Os fenômenos psicológicos, segundo a Psicologia Sócio-Histórica, constituem algo inerente ao social e cultural do sujeito. Logo, para se falar do homem não se pode aniquilar a existência do social, da economia e do eixo cultural (Bock, 2011).

O processo de alienação não é consciente, e tal fato certifica o acúmulo do capitalismo e quebra a consciência. A fragmentação é sanada por explicações de cunho social, que é uma estratégia proporcionadora de sentido para o trabalho, na qual aprimora-se a mão de obra e vende-se a qualificação para se obter mais, ou seja, constitui-se uma relação de consumo estabelecida de avaliação social (Furtado; Svartman, 2009).

Assim os motivos originam-se nos exercícios sociais realizados, que estabelecem nossos sentidos. Porém os sentidos são maquiados pelos motivos, que por sua vez, são carregados por sentimentos, valores e crenças (Aguiar et al., 2009).

## MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

Foucault (1979), ao falar da história da medicina e como a mesma é constituída, relata três vertentes do final do século XIX e começo de XX. Primeiramente uma medicina voltada às questões assistenciais, a segunda estaria ligada a questões administrativas, e a terceira a uma medicina privada, na qual paga-se mais caro para obtenção de mais benefícios. Todas são existentes, só que adaptadas à realidade que se apresenta.

O capitalismo é originário de uma sociedade aberta, porém mesmo com tal característica, corresponde a um senhor que detém um poder. O poder aqui relatado é assegurado pelo capital, ligado a uma vestimenta de consumo (Furtado; Svartman, 2009).

A sociedade contemporânea para Momo (2010) organiza-se de forma que o valor está presente na disposição de consumo do sujeito, e não mais na capacidade de produção como se tinha na sociedade industrial. Tendo como essa lógica ativa, todas as minorias (negro, idosos, crianças) passam a ser vistas e respeitadas como cidadãos de consumo.

Guarido e Voltolini (2009), já vinham enfatizando que devemos então reconhecer o discurso que estabelece o indivíduo no mundo moderno; e no entanto ele é indissociável da ótica medicalizante de si e dos eventos que o rodeiam, sejam estes de cunho social ou particular.

A terminologia da medicalização nasceu em meados do fim da década de 60, para esclarecer o desempenho que a medicina tem como mediadora da vida. Essa mediação originava-se da elucidação de processos do campo social e político baseados em pressuposições médicas (Gaudenzi; Ortega, 2011).

Medicalizar é um elemento que tradicionalmente está ligado ao objetivo geral de diminuir problemáticas sociopolíticas a pontos interligados ao privado/pessoal do sujeito, o que significa a patologização do mesmo. A crítica realizada a este sistema médico está na redução dos fatores biopsicoeconômico-social do sujeito a medicina, deixando de lado a visão holística sobre o indivíduo (Guarido; Voltolini, 2009).

Dando continuidade, Taverna (2011), vem relatar que o processo de medicalização da vida, é compreendido como um artifício de modificação de dificuldades sociais e institucionais, em virtude de problemas particulares ligados muitas vezes a distúrbios orgânicos.

Em um estudo feito para a verificação do uso de medicamentos em Pelotas, RS, foi observado a embalagem de 3.352 remédios (72,7%), sendo que apenas 238 (5,2%) obteve-se a prescrição (Bertoldi et al., 2004). Podendo, por vez, ressaltar a problemática da medicalização e automedicação da vida.

No mesmo estudo supracitado, constatou-se que mulheres usam mais medicamentos que o grupo de homens pesquisados. Os pesquisadores relacionaram essa diferença à preocupação com a saúde que mulheres possuem mais que homens, além de elencar os vários programas de saúde dirigidos a esse público feminino; acreditam que sejam fatores que permitam o sujeitamento à medicalização dos mesmos. Ressaltam que na presente pesquisa o uso de medicamentos não foi associado ao nível de escolaridade com significância.

Guarido e Voltolini (2009), ressaltam que os remédios em tempo atual não devem ser vistos apenas como campo científico e atuação médica, mas devem ser analisados como bens de consumo que proporcionam bem-estar, felicidade e autorrealização.

Com isso pessoas passaram a buscar a norma estabelecida de sujeito ideal, ou seja, a buscar um humor estável e feliz, uma personalidade estruturada sempre, mudando o seu modo de ser inteiramente sem necessariamente está doente, tornando os indivíduos dependentes ao conhecimento científico (Pelegrine, 2003; Gaudenzi; Ortega, 2011).

## **SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO**

A educação brasileira é constituída por ensino básico, que tem a finalidade principal de trabalhar demandas envolvidas ao físico, psicológico, intelectual e social de crianças em desenvolvimento; pelo ensino médio, o qual tem duração de 3 anos e tem por finalidade avançar os estudos há um aprofundamento e materialização dos conhecimentos até então adquiridos; pode ser ofertado associado à educação profissional técnica. Existe também a educação de jovens e adultos, que visualiza a população que não tiveram ingresso ou continuação nos estudos no ensino fundamental e médio no período conveniente a sua faixa etária (BRASIL, 1996).

E pelo ensino superior, cujo ingresso a este se dá por meio de procedimentos seletivos, como o vestibular, e possui o objetivo de aperfeiçoar pessoas capacitadas em diversos saberes com conhecimento científico e pensamento reflexivo, que auxiliem no acréscimo da sociedade brasileira. (BRASIL, 1996).

Os artifícios de seleção que proporcionam o ingresso na instituição de ensino superior, seja o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou o vestibular, ocasionam concorrência acentuada, principalmente após modificação do sistema escolhido pelo ENEM, no qual o aluno deverá concorrer com todos aqueles que se submeterem a tal sistema de seleção a nível nacional (Mota; Maia, 2013).

Os adolescentes das camadas mais populares abandonam a escola sem finalizar o ensino médio, sendo impedidos de se introduzirem na universidade, além do que se torna insuficientemente qualificado para competir a um espaço no mercado de trabalho (Oliveira et al., 2003).

O que se observa são alunos de escolas particulares, de forma geral, apresentando maiores oportunidades à vista dos demais. Com tal realidade de desigualdade foi criado políticas públicas que tendem equilibrar esse contexto, dando a oportunidade de todos adentrarem o contexto universitário; pode-se citar o sistema de cotas e o Programa Universidade para Todos (PROUNI) (Osorio, 2009).

Compreende-se que são muitos os fatores que levam os estudantes ao insucesso no contexto escolar, como por exemplo, fatores econômicos, sociais, familiares, individuais. Porém, devemos verificar e assinalar a parcela de responsabilidade das instituições de ensino pela a qualidade de aprendizado oferecido, principalmente nas públicas, ressaltam Heckert e Rocha (2012).

O fracasso escolar no ensino médio, segundo os autores supracitados, pode ser visualizado na grande evasão escolar, nas reprovações de matérias específicas, e na não aprovação no vestibular. Contudo, a responsabilização de tal realidade deve perpassar, de modo a não ser desconsiderado, os fatores sociais, ao qual o sujeito está inserido.

Logo, o sistema educacional presente no Brasil hoje é o ocasionador do fracasso escolar, portanto deve-se verificar e modificar tal contexto, proporcionando uma nova educação. Além disso, o Brasil possui uma lentidão em acompanhar as diversidades e as mudanças sociais da população (Souza, 2007).

## **CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES DENTRO DO CONTEXTO BRASILEIRO**

O processo de desenvolvimento educacional é originado da articulação do saber científico com o saber cultural, tendo este um procedimento constante de atualizações, adquirindo por sua vez um caráter histórico, cultural e social (Araujo; Almeida, 2010).

Segundo Mota e Maia, (2013) às demandas sociais são responsáveis pela origem de episódios estressores, que são marcados por sua vez, por requisição dos familiares e pessoas mais próximas para obtenção de uma formação profissional e, conseqüentemente, de um emprego.

Dentro da realidade do sistema educacional brasileiro, a competitividade e exclusão se tornam fatores altíssimos; nascendo então nas últimas décadas os cursinhos pré-vestibulares, com o objetivo de acréscimo no preparo do sujeito, visando à admissão no ensino superior. Os cursinhos são distribuídos em comerciais, quando operam com fins lucrativos, e alternativos ou populares, que possuem como público alvo alunos de renda baixa (Bacchetto, 2003).

No Brasil, o sistema do vestibular torna-se mais uma porta de saída, do que de entrada, tendo em vista que, o número de estudantes não aprovados no curso almejado é maior, e levando também em consideração a desproporção candidato/vaga existente (Soares et al., 2007).

Possuindo o objetivo de penetrar em mais informações para passar nas avaliações dos vestibulares, os estudantes passam a procurar cursinhos pré-vestibulares. Essa busca de ampliação de conhecimento acontece, na maioria das vezes, pela deficiência de instrução ofertada pelas instituições de ensino médio (Paggiario; Calais, 2009).

Tendo o vestibular como um momento especial tanto para o concorrente como para os familiares e a sociedade, todos os envolvidos acabam se sujeitando a qualquer tipo de esforço para uma aprovação do candidato à vaga universitária. Com isso os cursinhos passaram a serem visualizados como agências especializadas e habilitadas a passar qualquer sujeito, em qualquer universidade, chegando principalmente à população de classe média (Soares et al., 2007).

## **A LÓGICA MEDICAMENTOSA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

Segundo Momo (2010) o contexto escolar está impregnado pela lógica do consumo. Em sua pesquisa realizada na escola pública do interior do Sul do Brasil, a mesma constatou que as grandes empresas adentram esse meio escolar carregando a justificativa que serão capazes de apresentar uma escola mais produtiva, interessante e eficiente, florando por sua vez, o desejo de consumo dos indivíduos no contexto escolar.

Os avanços em pesquisas sobre o neuroquímico humano são mantidos por indústrias farmacêuticas, tendo a lógica de produção e comercialização de drogas seguem o mesmo contexto. Isso acontece devido o mercado consumidor interferir diretamente nas práticas de saúde, tendo em vista que as indústrias farmacêuticas estão principalmente interessadas em vender seus produtos, estes passam a serem fabricados de acordo com a lógica consumidora (Guarido; Voltolini, 2009).

Tucherman e Clair (2012) observam que existem reportagens na mídia que salientam menos a hipótese de artificializar a função cognitiva humana, tornando um método conexo de uma desumanização. Passando a focar mais na injustiça que tal processo possa causar entre um indivíduo favorecido pela implicação da droga e o sujeito naturalmente menos veloz e focado.

Contudo, ultimamente o uso de psicoestimulantes sem prescrição médica, como o metilfenidato, é crescente. O maquinismo de ação dessas substâncias aproxima-se ao de drogas ilícitas (ex.: cocaína), baseado no acréscimo de atividade dopaminérgica (Cruz et al., 2011)

As queixas ligadas ao processo de aprendizagem estão sendo associadas a problemas de cunho individual, intelectual e hereditários de cada aluno; deixando de lado a vinculação dos problemas desse processo de ensino-aprendizagem à própria instituição de ensino (Guarido; Voltolini, 2009)

## **O METILFENIDATO NO USO ACADÊMICO**

O metilfenidato é uma droga psicoestimulante, utilizada no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sendo a medicação elementar para tal transtorno. Possui como efeito um acréscimo da atenção e do controle de impulsos e só deve ser obtido sob prescrições médicas (Legnani; Almeida; 2009).

O estimulante metilfenidato, conhecido por Ritalina, encontra-se ligado a substâncias que mostram eficiência em modificar instantaneamente o humor, a concentração, a memória ou a capacidade de aprendizado, de qualquer sujeito incluído ou não como saudável (Totti, 2008).

A medicalização surge quando questões ligadas ao cotidiano do sujeito é tratada por base medicamentosa. Diante desse contexto os medicamentos surgem ao contexto social buscando a normatização, procurando enfraquecer o sofrimento de maneira eficiente e acelerada (Tesser, 2006).

O metilfenidato, segundo Brant e Carvalho (2012), assemelha-se ao contexto pela associação do aumento de produtividade no meio acadêmico e/ou laboral, o que permite uma confiança de melhor

socialização ou de desempenho com o contexto. O consumo do estimulante opera-se por uma ordem institucional, como saúde, ensino, trabalho e economia.

O sujeito ao fazer uso de medicação poderá ficar limitado e não passar por transformações como as outras pessoas passam em seus processos educativos. O medicamento quando utilizado de forma indiscriminada e sem possuir um diagnóstico, pode vir a proporcionar rupturas no procedimento de ensino-aprendizado (Szymanski, 2012).

Existem estudos que falam de uma dependência a nível psicológico, no qual, pauta-se, que o sujeito é levado a oferecer crédito a sua capacidade de produção devido a medicação, passando a desconfiar de sua atuação sem ação do Metilfenidato (Brant; Carvalho, 2012).

Os medicamentos com finalidade de refinamento do cérebro têm sido bastantes usados por estudantes que, mesmo não apresentando quadros doentios, procuram esse meio de potencialização dos seus conhecimentos. Esse uso nasceu como forma de apurar a memória, o humor e a atenção, mas pode apresentar como consequência a dependência e o abuso de outras substâncias (Barros; Ortega, 2011).

No estudo realizado com acadêmicos do curso de medicina, no qual foi encontrado o percentual de 8,6% (16/186) de usuários de Ritalina sem prescrição médica em algum momento da vida. No estudo havia uma pergunta sobre a razão que levava os usuários a usar Ritalina, estava ligado ao fato da mesma melhorar seu rendimento na faculdade, de 16 que responderam à pergunta 14 (87,5), afirmam que este é o motivo. Nesse estudo a maioria dos usuários estaria no grupo masculino dos universitários de medicina (13% vs. 2,6%) (Cruz et al., 2011).

Brant e Carvalho (2012), afirmam que os usos com finalidades não terapêuticas acometem o público maior de universitários, empresários e profissionais que estão vinculados ao eixo da saúde. Apresentando públicos diferentes, as finalidades consequentemente para esse uso se mostram de forma ativa e diversificada.

A Ritalina promove uma estimulação crescente na atividade cerebral que permite um estado de concentração e vigília ao indivíduo com maior facilidade, limitando seus esforços intelectuais e sem necessariamente existir alguma doença estabelecida para tal atitude. Porém tal processo contrapõe a autorregulação, a autonomia e o autocontrole do sujeito (Totti, 2008).

Em uma pesquisa realizada, foi questionado se os alunos percebiam qualquer tipo de pressão para realizar o vestibular, 65% afirmaram que sim; visualizando os pais como principais causadores dessa pressão, que segundo os pesquisados, os pais tendem a compará-los com um irmão mais velho que está já no contexto universitário; seguindo para o motivo de julgamento pela quantidade de anos que se faz o cursinho preparatório; e existindo também a elevada concorrência que os deixava mais dedicados a aprender. No público que afirma sentir a pressão, 75% corresponde ao sexo feminino, que são consideradas como mais emotivas pelos pesquisadores (Guhur et al., 2010).

Em um outro estudo realizado com 20 universitários, para a verificação da percepção do uso do metilfenidato, como aprimoramento cognitivo, foi colocado em discussão o que eles acreditavam que



levava os indivíduos ao uso de tal processo. Foi elencado como principal motivo a pressão social, que exige do indivíduo sempre além do que é ofertado por ele, e promove a postura de competitividade entre as pessoas, além do que, para a entrada em um grupo deve-se cumprir as requisições feita por tal (Barros; Ortega, 2011).

Tucherman e Clair (2012), relatam a seriedade entre a relação da percepção de corpo e saúde que existe, qual tipo de subjetividade está brotando com todas as codificações e artificializações que surgem diante de tanta tecnologia à disposição; os escritores ressaltam uma somatização da subjetividade.

Na literatura podemos encontrar ideias divergentes enquanto o uso de metilfenidato. Aos que defendem relatam que tal droga é segura, com efeitos colaterais baixos, e seu uso é de escolha pessoal; já os opositores questionam quais as vantagens sobre esse processo, uma vez que estudos a longo tempo não são populares e que esse procedimento se dá de forma antiética devido ao doping cognitivo (Forlini; Racini, 2009 *apud* Cruz et al., 2011).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa originou-se com coletas bibliográficas e links que abordam o tema trabalho para verificar as principais pesquisas relacionadas com a temática, o que é definido por Cervo e Bervian (2002), como pesquisa bibliográfica.

A pesquisa foi de cunho quantitativa, que possui o objetivo de quantificar o fenômeno estudado para analisá-lo e classificá-lo; fazendo uso de instrumentos objetivos, para que as análises dos dados estejam bem estruturadas (Gerhard; Silveira, 2009).

Foi realizada uma pesquisa de campo, com finalidade de buscar a informação diretamente com a população pesquisada, existindo um encontro do pesquisador com os sujeitos pesquisados para a coleta de dados relevantes à temática estudada (Severino, 2007).

A pesquisa foi efetivada em um cursinho pré-vestibular, localizado na cidade de Juazeiro do Norte no interior do Ceará. O nome do estabelecimento foi mantido sob sigilo durante todo o processo de pesquisa e de apresentação dos resultados.

A amostra para pesquisa foi constituída por alunos voluntários da instituição pré-vestibular de Juazeiro do Norte-CE, a qual cedeu espaço para a realização da pesquisa. A escolha dos alunos foi de forma heterogênea e voluntária, na qual, aqueles que contribuíram com a pesquisa responderam um questionário de forma livre e sem adicionais de ônus.

Os dados pessoais dos entrevistados foram mantidos sob total sigilo durante o processo das coletas de dados e das apresentações de resultados. Todos os entrevistados foram informados de como se originaria as coletas de dados e o sigilo mantido sobre seus dados pessoais, ficando à disposição dos mesmos o pesquisador para qualquer esclarecimento do processo.

Todos os entrevistados obtiveram o termo de consentimento livre e esclarecido do processo da pesquisa e assinaram o termo de consentimento pós-esclarecido, ficando com uma via e o pesquisador com outra.

A coleta de dados teve como base questionários, que segundo Oliveira (2010), é um artifício utilizado para a retenção de informações de várias ordens, que buscam corresponder ao objetivo do estudo. O questionário utilizado foi autoaplicável de 24 questões, sendo estas de caráter objetivo e subjetivo.

O questionário aplicado nos estudantes foi dividido no tópico 14 até o 21, mediante a resposta entre os que já haviam tomado a medicação no contexto pré-universitário, e aqueles que não obtiveram contato. Sendo assim, aqueles que assinalaram o “Sim” continuaram a responder às questões seguintes até o fim; os que marcaram o “Não” pularam para o tópico 22 do questionário.

Outra subdivisão foi entre aqueles que usaram o Metilfenidato por orientação médica que deveriam seguir ao tópico 18, e os que não passaram por orientação médica deveriam seguir para o tópico 17 do questionário.

Após confecção do questionário foi realizado um pré-teste com uma população semelhante à amostra, que teve por finalidade identificar possíveis falhas das questões elaboradas inicialmente, e diante dos resultados, pode-se alterar e aperfeiçoar o questionário ao objetivo da pesquisa e ao público alvo.

Os procedimentos utilizados poderiam trazer algum desconforto de risco mínimo, como por exemplo, não querer mais seguir respondendo as questões, mas que foi reduzido mediante a opção de não responder mais. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, os pesquisadores estiveram responsáveis pelo atendimento psicológico imediato e com persistência de desconfortos devido ao questionário, estavam responsáveis também pelo encaminhamento ao Serviço de Psicologia Aplicada (S.P.A.) da faculdade Leão Sampaio, localizado na cidade do Juazeiro do Norte-CE.

Tendo em vista que o trabalho não obteve o caráter experimental e sim científico, acredita-se, que com a pesquisa poderá surgir novas visões sobre a realidade vivenciada pelo aluno no contexto pré-universitário, que promovam intervenções baseadas na psicologia e áreas afins, que desencadeiam saúde mental nos mesmos. Tais visões poderão trabalhar por meio de estimulação individual e grupal, traçando questões relevantes aos sujeitos e as instituições de ensino, vislumbrando as necessidades de ambos.

Os ganhos aos estudantes estarão traçados no melhor empoderamento ao seu contexto, a identificação de sua autonomia, bem como, o estabelecimento de sua autoconfiança, que emparelhados ao contexto pré-universitário lhe promoverá mais conforto em enfrentar tais pressões sociais e desencadear o seu melhor rendimento nas provas/vestibulares/ENEM. Nas instituições de ensino, o ganho acontece em obter alunos capacitados tanto didaticamente como psicologicamente, apresentando melhores resultados acadêmicos. Mediante a pesquisa, também se nota o ganho no contexto científico, no que diz a respeito da promoção de conhecimento na temática pouco debatida.

Após a coleta, os dados passaram pela quantificação do programa SPSS, que permitiu realizar cálculos e visualizar os resultados de forma simples e autoexplicativos.

Foi realizada uma análise de conteúdo quantitativo para ser elencado categorias para a discussão do trabalho. Segundo Caregnato e Mutti (2006), a análise do discurso tem como objetivo o delineamento e mensuração da repetição das características do conteúdo, inferindo, por sua vez, uma representação.

A análise do conteúdo tem por finalidade trabalhar técnicas que visualizam objetivar a comunicação encontrada através da sistematização do conteúdo da mensagem, o que permite a dedução de conhecimentos relativos do pesquisador acerca do objeto estudado (Caregnato; Mutti, 2006).

Para a realização do presente projeto, o mesmo foi submetido ao comitê de ética, ficando resguardada ao processo de investigações de pesquisas existentes no Brasil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### ***Perfil do estudante pré-vestibulando***

A pesquisa foi realizada em um cursinho pré-vestibular particular do interior do cariri. A amostra de estudantes participantes da pesquisa equivale a 181, sendo 129 (71.3%) do sexo feminino, 51 (28,2%) do sexo masculino, tendo um entrevistado que não identificou seu sexo.

Possuem idade entre 17 e 34 anos, tendo a maior concentração na faixa etária de 18 anos, correspondente aos 67 dos entrevistados. Dos voluntários da pesquisa, 73,9% realizaram o ensino médio em escola particular; 16,7% todo em escola pública; 6,1% realizaram parte em escola pública e outra em escola particular; 2,8% em escolas profissionalizantes e um entrevistado terminou pelo Ensino de Jovens e Adultos-EJA.

Apesar da grande concentração de estudantes de escolas particulares, foi encontrado um número significativo de estudantes que passaram por escolas públicas. Dentro de tais achados podemos pensar o que Oliveira et al. (2003), falam sobre os alunos menos favorecidos, que são compreendidos como aqueles que desistem da escola, não se introduzem no contexto universitário e são identificados como não qualificados ao mercado de trabalho.

Entendendo que parte dos estudantes menos favorecidos são aqueles que estão em escolas de redes públicas, pelo baixo custo de ensino, podemos pensar que estes estão mudando de posição. Persistindo nas qualificações escolares e querendo competir no mercado de trabalho de forma igualitária, e para isso, buscam o acesso ao ensino superior, o que é facilitado, como cita Osorio (2009), pelo o sistema de cotas e o Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Entre os entrevistados, 172 (95%) já realizaram a prova do vestibular. Destes, 78 realizaram entre 1 e 3 vezes a prova; 49 entre 4 e 7 vezes; 15 fizeram de 8 a 12 vezes. Os demais entrevistados não responderam à questão, não lembram a quantidade de vezes ou não realizaram o vestibular.

Quando questionados sobre a submissão a prova do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), 176 (97,2%) já realizaram a prova. Correspondendo, 15 alunos a realização de uma vez; 58 fizeram duas vezes; 59 realizaram três vezes; 29 fizeram quatro vezes; 8 se submeteram cinco vezes; 3 realizaram seis vezes; uma pessoa se submeteu 8 vezes ao ENEM; 3 relataram terem se submetido várias vezes, sem determinar a quantidade e os demais não responderam.

O tempo de curso pré-vestibular de 42 entrevistados está entre 2 e 11 meses; 66 alunos equivalem a 1 ano e 1 ano e 9 meses; 37 estão no intervalo de 2 anos a 2 anos e 8 meses; 33 encontra-se entre 3 anos e 6 anos e uma pessoa relata frequentar o cursinho há 10 anos. Os números restantes, correspondem aos que não responderam a questão.

Pode-se verificar que a quantidade de vezes que os alunos participantes da pesquisa se submetem ao processo de seleção é alta, podendo aqui lembrar o que Mota e Maia (2013) relatam sobre os altos índices de competitividade entre os estudantes que almejam o ensino superior, chegando a se submeterem até 8 anos por o sistema do ENEM a uma vaga universitária, aqui constatado.

O fracasso escolar, assim como falam Heckert e Rocha (2012), são identificados pela não aprovação no vestibular. Observa-se que a alta competitividade remetem a submissão contínua ao processo seletivo, mas que o fracasso escolar vem interligado ao sistema educacional brasileiro que não alcança a realidade social da população, como relata Souza, (2007), proporcionando esse índice maior de reprovação e conseqüentemente de submissão ao processo.

Bacchetto (2003), menciona a entrada dos cursinhos na realidade brasileira como mediadores de ampliação no preparo ao ensino superior, tendo em vista a competitividade e os fatores do fracasso escolar mediante a aprovação no vestibular. O questionamento proporciona uma visualização do tempo que os alunos passam em cursinhos preparatórios para se adaptarem a um sistema, que deveria ser uma porta de entrada, mas que acaba sendo uma idealização de 10 anos para alguns alunos.

Segundo Soares et al. (2007), esse fato acontece pela não simetria entre vagas ofertadas pelo sistema e o número de candidatos que almejam tal vaga. Essa relação é visualizada na presente pesquisa tanto com os dados de número de vezes que os alunos se submeteram à seleção universitária, como no tempo que estão ligados à instituição que se apresenta como capacitada a passá-los no vestibular.

### ***Profissão almejada***

Estabeleceu-se quais as profissões que os entrevistados buscam se submeterem ao vestibular/ENEM. 164 (90,1%) relatam a Medicina como almejada; 11 afirmam buscar entre as Engenharias (Civil, de Petróleo ou Computação); dois entrevistados desejam o vestibular/ENEM para o curso de Direito; uma descreveu Odontologia; um citou Fisioterapia; dois ainda se encontram indecisos. Nessa questão um dos entrevistados descreveu duas opções, o que justifica a amostra total de 182.

A frequência do estudo após a aula do cursinho dos alunos oscila entre 20 e menos de uma hora. Correspondendo a 1,7% os que apresentam a rotina de estudar entre 20 e 15 horas por dia; 35,4% os que estudam 10 horas por dia; 62,4% estudam entre 5 e 2 horas por dia e um entrevistado afirma estudar menos de uma hora após o cursinho.

No jornal, G1 do dia 10/06/2015, foi notificado a concorrência dos cursos para segunda chamada do Sisu (O Sistema de Seleção Unificada) do ano de 2015. Na nota consta que o curso mais almejado corresponde ao de medicina com 169.847 candidatos inscritos, porém que o número de candidatos para as vagas oferecidas equivalem a 120,46 candidatos/por vagas. Na continuação estão Direito (116.239), Administração (79.723), Engenharia Civil (69.536) e Pedagogia (57.466).

A escolha da profissão é algo antecedente ao sujeito, pois ao nascer, este já se depara com um contexto cultural que lhe oferece atividades de reconhecimento em ação com o social (Furtado; Svartman, 2009). A medicina, por exemplo, existe a muito tempo na sociedade, não é algo do sujeito, pois foi criada a partir de demandas sociais que surgiram ao longo da história humana, porém quando o sujeito realiza a medicina, ele passa a ser reconhecido pela sua atividade cultural, o que promove a consciência.

Consciência essa, que tem características individuais, mas que ultrapassa na mesma medida o âmbito cultural/social a qual o sujeito está imerso. Essa relação entre o particular e cultural é essencial devido à linguagem produzida dessas atividades, o que permite a passagem dos conhecimentos e valores adquiridos ao longo das gerações (Lane, 2012).

Existe um reconhecimento enquanto ser humano, que é solicitado ao indivíduo uma ação na cultura, que para a maioria aqui entrevistada, é a medicina. A medicina, socialmente, é uma das profissões que promove mais reconhecimento, pois está vinculada a uma visão de poder. Poder este, vinculado às ações primordiais da profissão, mas também, por um reconhecimento de consumo, por ser uma profissão que proporciona um poder econômico de R\$ 11.675,94, como piso salarial, para 20 horas semanais de trabalho, segundo a Federação Nacional dos Médicos-FENAM (2015).

### ***Estratégias para estudar***

Soares et al., (2007) mencionam que por existir expectativas acima do momento vinculado ao vestibular, os sujeitos acabam se submetendo a várias estratégias para atingir sua aprovação. Na tabela 01 existe uma relação de algumas estratégias encontradas dos alunos; tendo por ênfase a privação de momentos de lazer para ficar em casa estudando, e o uso de café como estimulante para se manter acordado, visualizando a consequência de estudar mais.

Tabela 01.

ATIVIDADE COMO ESTUDANTE	Respostas	
	N	%
Passo o dia estudando e ainda viro a noite	14	5,3%
Deixo de comer para estudar	5	1,9%
Prefiro sempre ficar em casa estudando, em vez de sair com familiares e/ou amigos	85	32,2%
Tomo muito guaraná para se manter acordado(a) e poder estudar mais	14	5,3%
Tomo café constantemente para se manter acordado e estudar mais	76	28,8%
Não excedo em relação aos estudos	47	17,8%
Outros	23	8,7%
Total	264	100,0%

Enquanto a percepção da capacidade de aprender diante dos estudos; foi montado uma escala de 0 a 5, tendo “0” como nenhum aprendizado e “5” como excelente aprendizado. 3,4% relatam que sua capacidade é equivalente ao “2”; 44,4% apresentam o “3” como capacidade; 43,3% reconhecem como “4” e 9% consideram que possuem a capacidade excelente de aprendizagem “5”.

Cruzando os dados da capacidade de aprender dos alunos e o número de vezes que já prestaram o ENEM ou o Vestibular, não se visualizou relevância quanto ao alto índice de submissões no processo e o que se acredita captar dos conteúdos, tendo por média o “3” como nota.

### *A incidência do uso*

A incidência dos estudantes pesquisados que fizeram ou fazem o uso do metilfenidato durante todo o seu período de pré-vestibulando é de 12,92%, tendo 87,08% não entrado em contato com a substância (Gráfico 01).

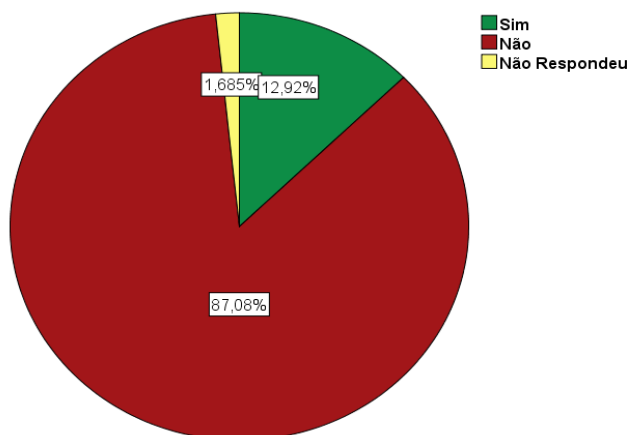


Gráfico 01.



Foi indagado por quanto tempo usavam ou usou o Metilfenidato, 30,4% relatam o uso como, pouco tempo (dias/semanas); 26% usam no período de 6 meses e um ano; 21,7% descreve um intervalo entre 1 mês a 3 meses; 8,7% possuem um uso esporádico.

A idade do público que utiliza a medicação oscila entre 18 e 25 anos. Tendo 18 anos, o índice maior de alunos (39,1%). Em relação a escola que cursaram o ensino médio, obteve-se que 21 alunos vinham de escolas particulares e 2 de escolas públicas

Vale salientar que dentro dos usuários a profissão almejada é a de medicina, com 100% dos alunos. Lembrando que a medicina, exerce uma capacidade social que é desejado culturalmente, o poder de consumo e de inclusão social.

O reconhecimento é visto socialmente como algo que depende do sujeito e de seu desempenho, em buscar o seu sucesso. No momento de tensão, como o vestibular, corresponder de forma efetiva se torna algo mais difícil pelas questões que acarretam a própria vivência. E como cita Brant e Carvalho (2012), pessoas passam a serem levadas pelo discurso de que a solução de seu obstáculo pode ser vinculada a uma aquisição de produtos modernos.

Em uma relação Sócio-Histórica, essa necessidade de obter um produto de ponta, é justificada pela influência do social, a qual o sujeito não pode controlar, por ter origem involuntária (Aguiar et al., 2009). O contexto social, a qual esses estudantes estão ligados, enfatiza a precisão de capital, de juntar bens para consumir e somente assim, ser reconhecido e feliz. O que contextualiza um fenômeno psicológico, um fato intrínseco ao social e cultural do sujeito (Bock, 2011)

Por mais que o uso se apresenta na minoria pesquisada, Momo (2010) já ressalta o quando a indústria adentra o contexto escolar prometendo melhorias a este. Tendo aqui, que observar a relação entre o consumo do Metilfenidato, substância usada para o tratamento do Transtorno de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o contexto escolar.

Os estudantes chegaram ao medicamento prioritariamente por conta própria – 70,8%. 16,7% Passaram por um médico e 12,5% obtiveram o acesso por indicação de pessoas não médicas, porém um mencionou que sua indicação adveio de um acadêmico de medicina. Dos que utilizam 26,1%, afirmam possuir problemas de saúde e 73,9% relatam não terem nenhum problema para o uso de tal substância.

Esse fenômeno psicológico, articulando a Furtado e Svartman (2009), faz parte de uma condição real da cultura vivenciada por esses estudantes pesquisados, e pode promover efeitos psicossociais que afetam diretamente a saúde dos mesmos.

Observa-se mediante resultados apresentados, e nos relatos de Guarido e Voltolini, (2009) articulado ao de Furtado e Svartman (2009), que a medicalização da vida se faz devido a uma patologização da mesma (efeito psicossocial). Quando os estudantes passam a usar medicação sem orientação do profissional adequado e afirmam não possuírem doenças para tal uso, há uma clareza, que o processo patológico do cotidiano é vinculado a um biológico não comprovado.

Embasando Guarido e Voltolini (2009) e Taverna (2011), aos achados, podemos visualizar a medicalização como meio de encobrir falhas cotidianas de questões sociopolíticas, tornando-as questões vinculadas a doenças, deixando a desejar o olhar holístico e interacionista sobre o homem. A medicalização da vida, fica mais evidente quando os sujeitos assinalam quais sintomas sentem para o uso do Metilfenidato no contexto pré-vestibular.

A desatenção aparece como a mais assinalada, com 37,8%, seguido pela ansiedade (27%), que é algo ligado à desatenção. Posteriormente os alunos assinaram a inquietação (24,3%), podendo ser relacionado a desatenção e a ansiedade anteriormente citada. Tendo como menos assinalados o Transtorno do Déficit de Atenção –TDA e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH, correspondendo a soma dos dois a 10,8% nas respostas.

A somatização da subjetividade assim trazida por Turcherman e Clair (2012), se faz presente neste grupo de estudantes pré-universitário que afirmaram usar a substância mesmo sem a necessidade de medicamento a nível biológico, porém se percebem como necessitados a artificialização de suas capacidades cognitivas.

### *Contexto do uso*

Foi elencado o quanto os estudantes se sentem de modo geral pressionados para entrar em um contexto universitário (Tabela 02). Nesses quesitos os entrevistados associaram em uma escala de “0” a “5” o nível de pressão sentida, compreendendo o “0” como não pressionado e “5” como muito pressionado. Observa-se que a maioria, 79(43,9%), dos estudantes se consideram muito pressionados e apenas um (0,6%), não se vê pressionado.

Tabela 02.

Pressionado	Respostas	
	N	%.
0	1	0,6%
1	14	7,8%
2	15	8,3%
3	20	11,1%
4	51	28,3%
5	79	43,9%
Total	180	100,0%

Afunilando esses dados aos que usam a substância, encontrou-se que, 43,5% se sentem muito pressionados (nota “5”), e os demais variam entre as alternativas de nota “2” - “4”. Logo, todos assinalam que se sentem pressionados de alguma forma.

Assim como no estudo realizado por Guhur; Alberto e Carniatto (2010), levando em conta o máximo da escala respondida (“5” – muito pressionado), e todas as mulheres pesquisadas, estas se sentem mais pressionadas do que o público masculino. Cruzando os dados com o número de vezes que já se submeteram ao sistema do ENEM e/ou vestibular, as mulheres realizaram de uma a oito vezes o ENEM enquanto os homens se submeteram entre uma e quatro vezes ao mesmo processo.

Quando se trata do vestibular, comparando o número de vezes entre quatro e doze vezes de realização de provas, as mulheres se submeteram 41% ao processo, em contrapartida os homens possuem na mesma quantidade de vezes o percentual de 33,3%. Portanto, as mulheres já realizaram mais vezes as provas para custear a entrada na universidade do que os homens.

Os estudantes do pré-vestibular se sentem pressionados a entrarem no contexto universitário, inicialmente por eles mesmos - 32,1%; seguido por 27,6% que marcam a família; 15,3% elegem a sociedade; 10,2% registram os amigos; 9,1% observam o mercado de trabalho como pressionador; 4,5% se veem pressionados pelos professores e 1,1% marcam que não se sentem pressionados por ninguém.

Assim como Mota e Maia, (2013) mencionam que os eventos estressores advêm daqueles mais próximos aos estudantes. Quando se relaciona os membros familiares, os amigos, a sociedade e os professores, a porcentagem é de 57,6%, ou seja, os alunos se veem sim, pressionados por pessoas próximas que são relevantes ao seu ambiente. Havendo um gasto emocional particular e ao mesmo tempo comunitário para aprovação em contexto universitário, pois cria-se expectativas a cada prova realizada, que por uma questão de sistema educacional, as frustrações acabam sendo maiores pela não aprovação.

Quando os alunos trazem que se sentem pressionados o suficiente, eles deixam de ponderar que são seres Sócio-Históricos, e que antes de se sentirem suficientemente cobrados, há um contexto que solicita a qualificação do trabalho social e a venda do mesmo, o que estabelece a relação de consumo do capitalismo (Furtado; Svartman, 2009).

### ***O estudante usuário do metilfenidato***

Articulando a frequência de estudo fora do cursinho pré-universitário e aqueles que realizam o uso do Metilfenidato, observa-se que essa amostra, estuda por dia entre 2 horas e 10 horas. E a atividade ligada ao estudo mais realizada é tomar café constantemente para se manter acordado e estudar mais (50%), seguido por preferir sempre ficar em casa estudando, em vez de sair com familiares e/ou amigos (23,5%).

Já interligando o sexo com o uso da substância, nota-se que dos 23 estudantes que assinaram o contato com as substâncias do Metilfenidato durante o pré-vestibular, 19 são correspondentes ao sexo

feminino e que apenas 4 são masculinos. Podendo articular o índice maior de mulheres em contato com a substância, com o número de vezes que se submeteram ao processo de seleção que também se faz maior que no sexo masculino.

A situação do uso está vinculada prioritariamente a falta de tempo para estudar tudo que tinha para ser estudado (30,8%); seguido por um sentimento de pressão pelo contexto do vestibular (19,2%); 26,9% afirmaram que o uso se dava quando estavam cansados, e por fim, com 22,9 % o uso se dá entre 3 meses e uma semana antes das provas/vestibulares/ENEM.

Os estudantes usaram para: 33,9% aumentar a concentração durante os estudos; 17,9% para aprender mais no cursinho; 14,3% usaram para aumentar a quantidade de horas de estudos, visualizando o nível da concorrência que sempre é alta; 14,3% para aumentar a concentração durante as aulas; 12,5% para aumentar a concentração durante as provas; 7,1% para aprimorar o conhecimento já existente.

A frequência do uso de Metilfenidato por nove estudantes se deu diariamente, seguindo por seis, que usavam nas semanas de provas/vestibulares/ENEM, pois se sentiram pressionados. As demais respostas correspondem a um uso esporádico com atrasos de conteúdo.

Para tal conclusão, deve-se lembrar o que Brant e Carvalho (2012), falam sobre o uso do psicoestimulante como meio de elevar a produção e ser reconhecido socialmente pelo seu desempenho. Por vez, relacionando o número de vezes que os alunos tendem a realizar as provas para adentrarem ao contexto universitário, a quantidade de conteúdo não estudado, elencado pelos mesmos, e a pressão social sentida, podemos articular o uso da substância do Metilfenidato com a necessidade de corresponder a demanda de aprovação, a um fenômeno psicossocial.

### ***Desempenho e aceitação do Metilfenidato***

Em uma escala de 0 à 5, os estudantes tiveram que atribuir uma nota às melhoras nos estudos com o uso do metilfenidato; compreendendo “0” como nenhuma melhora e “5” como excelente melhora. A maioria dos estudantes, 39,1%, atribuíram nota quatro, e um estudante (4,3%), considera que as melhoras merecem nota equivalente a um (Tabela 03).

Tabela 03.

Melhoras nos estudos com o uso do Metilfenidato	Respostas	
	N	Porcentagem
1	1	4,3%
2	2	8,7%
3	5	21,7%
4	9	39,1%
5	6	26,1%
Total:	23	100,0%

A aceitação pelos colegas para o uso do medicamento Metilfenidato como facilitador nos estudos, também foi mensurada por uma escala de 0 à 5, compreendendo “0” como não aceitam e o “5” como aceitação excelente. A mensuração é de 71,5% de respostas com nota de 4” a “5”, ou seja, os usuários visualizam uma boa aceitação do medicamento por parte de seus colegas.

### *Liberação e o uso do Metilfenidato*

Tendo que o uso do Metilfenidato se dá através de uma receita amarela passada por médicos, questionou-se então aos alunos, se eles achavam que o uso do Metilfenidato deveria ser livre no comércio para quem não apresenta problemas de saúde. As respostas podem ser observadas no Gráfico 02.

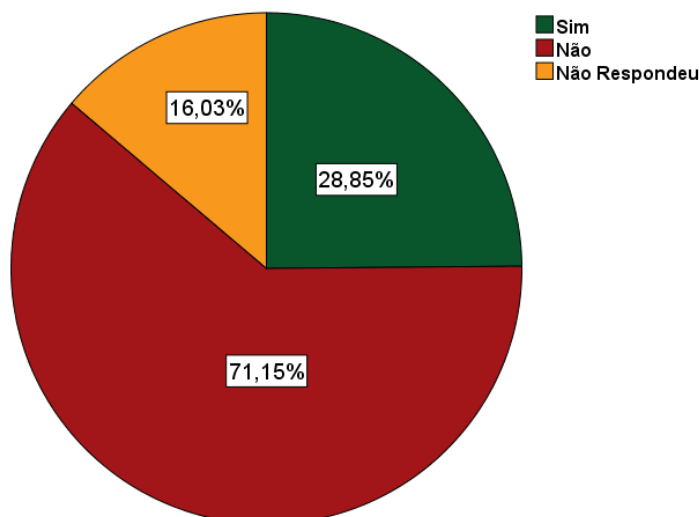


Gráfico 02.

Comparando as respostas dadas do gráfico 02, com relação ao sexo, obteve-se que 35,6% dos homens concordam com a liberação do medicamento ao mercado, enquanto as mulheres são representadas por 26,4%. Em oposição 64,4% dos homens e 73,6% das mulheres discordam com tal liberação.

Os estudantes justificaram suas respostas, e tais justificativas foram subdivididas entre aqueles que concordavam com o acesso livre ao medicamento, e os que não visualizavam o acesso livre pertinente (Tabela 04).

Tabela 04.

Respostas equivalentes ao “SIM”	Respostas	
	N	%
Necessidade devido ao contexto inserido	4	10,5%
Vale tudo para passar	1	2,6%
Aumento dos estudos + concentração	26	68,4%
Não há necessidade	1	2,6%
Por se considerar com problemas de saúde que não foram identificados por médicos	1	2,6%
Suporte + orientação	1	2,6%
Ficar acordado	1	2,6%
Se vê como necessário	3	7,9%
Total	38	100,0%
Respostas equivalentes ao “NÃO”	Respostas	
	N	%
Cafeína é o suficiente	1	1,1%
Procuraria meios não medicamentosos	4	4,2%
Riscos e perigos- Efeitos Colaterais	22	23,2%
Ajuda na concentração	1	1,1%
Não há necessidade	36	37,9%
Sob orientação médica	5	5,3%
Respeitar os próprios limites	4	4,2%
Contra o uso de estimulantes	1	1,1%
Não é necessário + Efeitos colaterais	1	1,1%
Não tem conhecimento para responder	11	11,6%
Não tem o hábito de usar medicamentos químicos	1	1,1%
Não usa drogas	1	1,1%
Não tem vontade	2	2,1%
Não acredita no potencial do medicamento	4	4,3%
Porque Não	1	1,1%
Total	95	100,0%



Entre o conhecimento de que alguém já fez ou fazia o uso do Metilfenidato sem problemas de saúde, obteve-se que 73 (42,3%) conhecem e 97 (53,6%) desconhecem quem fez ou faz o uso da medicação.

Os estudantes que usam a medicação conhecem em sua maioria, 91,3%, alguém que já fez o uso do Metilfenidato sem exibir um problema de saúde. Porém esse conhecimento de outras pessoas, não faz com que os alunos se juntem para usar a medicação e estudar. Permitindo articular tal informação, a nível de competição alta para o acesso ao vestibular, que os mesmos chegaram a mencionar e que traz Mota e Maia (2013). Entre os que não usaram, a porcentagem é 32,3 % de conhecimento desse público.

Sobre um futuro uso do medicamento sem problemas de saúde, os alunos responderam em sua maioria que não usariam o medicamento, porém observa-se um número maior de alunos que se submetem a medicalização futuramente, do que os que já se submetem a tal realidade. A quantificação de um futuro uso pode ser observado no Gráfico 03.

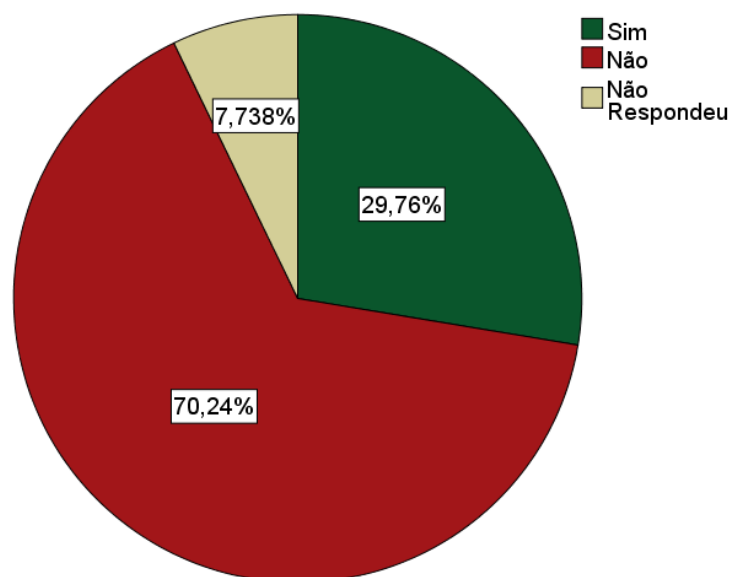


Gráfico 03.

Observa-se que o número maior continua sendo dos alunos que querem realizar o vestibular para custear o curso de Medicina, 92%, seguido por Engenharia (Civil/Computação/ petróleo) com 6% e Direito com 2%. Os alunos que usariam ainda afirmaram, em maioria, 64%, que deve existir a liberação da substância.

Das justificativas voltadas ao “SIM”, obteve-se 68,4% como principal motivo o aumento da frequência de estudos e a concentração, seguido pela justificativa do contexto inserido, 13,1%.

Aqueles que não usariam, possuíram prioritariamente 37,9%, a justificativa de não necessitarem do uso de Metilfenidato, seguido por 20%, que declararam os efeitos colaterais como fato para não usar a medicação articulada aos estudos. Curiosamente 11,6 % declararam não possuírem conhecimento para responder tal questionamento.

Ressaltando Guarido e Voltolini (2009), no final do discurso, devido os mesmos definirem a medicalização como bem de consumo, mediante um bem-estar e uma autorrealização do sujeito frente às suas questões corriqueiras.

Questões corriqueiras que são entendidas pela Psicologia Sócio-Histórica como um fator psicológico, que é transpassado nas relações de trabalho entre o indivíduo e seu contexto cultural, através da linguagem (Bock,2011). O que explicaria o aumento de pessoas a se submeterem ao processo medicamentoso da vida, como meio de ser reconhecido socialmente pelo seu ambiente cultural, baseado nas relações de consumo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O perfil dos entrevistados é desenhado por alunos que se encontram dentro de um processo Sócio-Histórico, no qual sua necessidade de progredir interage diretamente, com a necessidade de ascensão solicitada pelo contexto social.

Buscando a qualificação da atividade cultural que lhe reconhece como ser histórico, os estudantes se submetem ao sistema de seleção universitária inúmeras vezes para obter sua aprovação e reconhecimento social.

A produção ideal de consumo, se desenrola em várias situações culturais, inclusive na escolha que se faz da profissão, na qual o indivíduo acredita que advém de uma ordem totalmente individual, mas é vinculada a uma reprodução da realidade cultural desses, o que mostra uma possível alienação ao processo.

Dos estudantes, 90,1% buscam a universidade para cursar medicina. Tal achado, foi interligado ao reconhecimento do trabalho cultural que a medicina proporciona a quem lhe exerce, e ao status de poder socioeconômico que é exaltado pela cultura envolvente de consumo.

Sobre a capacidade de aprender novos conteúdos, os entrevistados não apresentaram uma noção baixa desta categoria, mas relatam estratégias para estudar cada vez mais, visualizando a submissão ao processo seletivo, que como já foi relatado, tende a excluir mais do que incluir. Tais estratégias rodeiam a privação de lazer dos mesmo e o uso de café. Além do índice de uso da substância psicoestimulante, o Metilfenidato.

O uso do metilfenidato foi encontrado em uma população de 23 alunos, de 181 que participaram da pesquisa. Levando em consideração o contexto cultural capitalista que se encontram os alunos, pode-se pensar na relação social demandante de ação do indivíduo para com seu meio cultural.

Essa ação exige do indivíduo que ele apresente uma performance, que dentro dessa realidade, pré-universitária e contexto capitalista, condiciona o aluno a visualizar outra demanda de consumo que resolva seus problemas corriqueiros. Passando a fazer parte da ótica cultural que promove efeitos psicossociais que atingem diretamente a saúde da população.

Os estudantes que usaram a medicação associando aos estudos, passam a ser vistos dentro do contexto medicamentoso. Nas quais, questões culturais, sociais e econômicas, passam a ser tratadas como de ordem biológica. Acontecendo um efeito psicossocial de patologização da vida e da subjetividade dos indivíduos.

O contexto é entendido por uma ordem de tentativas de passarem mais tempo estudando os conteúdos para as provas, assim como, ganharem concentração e adicionarem mais horas de estudos, como consequência. Essa sede por passar mais tempo estudando é compreendida pelos sentimentos de pressão pelo contexto do vestibular e o nível da concorrência que é sempre alta.

Com a finalidade que é utilizada o Metilfenidato, pela amostra, constata-se que a maior parte dos pesquisados, compreendem o uso da substância como algo que promove melhoras nos estudos. Tendo aceitação apropriada entre os amigos que rodeiam os estudantes, ou seja, há uma aprovação cultural dos próximos para o uso vinculado ao estudo.

A opinião sobre a liberação para todos da medicação ao mercado, proporciona um olhar delicado sobre os avanços dessa substância dentro do contexto educacional. Os alunos, apesar de se apresentarem em sua maior parte como opositores, nota-se a presença daqueles que naturalizariam a substância no contexto cultural, com respostas de ampliação dos estudos e o contexto inserido.

Sobre o uso não atrelado a um fator doentio, obteve-se que também a maioria não utilizariam. Chama atenção o número de pessoas que usariam futuramente, equivalente aos que já afirmaram que entraram em contato com o Metilfenidato. Deixando claro o avanço das consequências psicossociais de patologização da vida e da subjetividade dos indivíduos, anteriormente falada.

Evidencia-se novamente, o aumento da frequência de estudos e o contexto inserido, como justificativas apresentadas. Ressaltando o uso do medicamento, como mediador de autorrealização e resolubilidade das demandas sociais, as quais os estudantes estão inseridos por uma questão Sócio-Histórica.

Tendo assim, o Metilfenidato é uma substância que ganha vozes nos meios acadêmicos como facilitador de estudos, sendo possível notar que no contexto investigado o seu uso vem vinculado a uma série de fatores sociais e culturais que demandam, por meio de uma pressão social, a aprovação em uma universidade.

Tendo em vista que a pesquisa foi realizada apenas em um cursinho pré-vestibular, nota-se que a mesma deve ser ampliada para melhor entendimento do perfil dos estudantes pré-vestibulandos e do contexto do uso do Metilfenidato, buscando novas instituições e/em outras cidades, para uma formulação mais apurada dos dados.

Diante do que foi discutido no trabalho, não se pretende esgotar as discussões acerca do presente tema, pois o mesmo precisa ser bastante pesquisado e ampliado, para melhor compreensão. Origina-se dúvidas sobre a relação do tempo de estudo, que os estudantes mencionam não terem, mas relatam usarem de artifícios para ampliar cada vez mais o tempo; e a relação do sexo feminino com o masculino

sobre a liberação do Metilfenidato e uso do mesmo. Abrindo portas à ciência de ampliar e aprimorar informações sobre tais questões.

## REFERÊNCIAS

- A Federação Nacional dos Médicos (FENAM). Conheça o Piso FENAM 2015 para médicos. 2015.
- Aguiar, W. M. J. et al. A dimensão subjetiva da realidade: reflexões sobre sentido e significado. In: Bock, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES Maria da Graças Marchina, organizadoras. A Dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.
- Araujo, C. M. M.; Almeida, S. F. C. Psicologia escolar institucional: Desenvolvendo competências para uma atuação relacional. In: Sandra Francesca Conte de Almeida. (Org.). Psicologia escolar, Ética e competências na formação e atuação profissional. Campinas, SP: Editora Alínea, 3 edição, 2010. p. 59-82.
- Bacchetto, J. G. Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): A luta pela igualdade no acesso ao ensino superior. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da USP. 2003.
- Barros, D.; Ortega, F. Metilfenidato e Aprimoramento Cognitivo. Saúde e Sociedade. São Paulo, v.20, n.2, p.350-362, 2011.
- Bertoldi, A. D.; Barros, A. J. D; Hallal, P. C.; Lima, R. C. Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais. Revista Saúde Pública, 2004.
- Bock, A. M. B.; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 5 edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- Brant, L. C.; Carvalho, T. R. F. Metilfenidato: medicamento gadget da contemporaneidade. Interface-Comunicação Saúde Educação V.16, n.42, p.623-36, jul./set. 2012.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.394 - de 20 de dezembro de 1996 - DOU DE 23/12/96 - Lei Darcy Ribeiro - Alterada. Presidência da república. 1996.
- Caregnato, R. C. A.; Mutti, R. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso VERSUS análise de conteúdo. Texto contexto Enferm, Florianópolis, 679-84. 2006.
- Cervo, A. L.; Bervian, P. A. Metodologia científica. 5 Edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2002.
- Cruz, T. C. S. C. et al. Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de Medicina Da Universidade Federal Da Bahia. Gazeta Médica da Bahia. 2011.
- Foucault, M. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 29ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Furtado, O.; Svartman, B. P. Trabalho e Alienação. In: Bock, A. M, B.; Gonçalves, M. G. M. (Org.). A Dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.

- Gaudenzi, P.; Ortega, F. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 2011.
- Gerhard, T. E.; Silveira, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Guarido, R.; Voltolini, R. O que não tem remédio, remediado está? *Educação em Revista | Belo Horizonte*, v. 25, n. 01, p. 239-263, 2009.
- Guhur, M. L. P.; Alberto, R. N.; Carniatto, N'atália. Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência. *Roteiro, Joaçaba*, v. 35, n. 1, p. 115-138, 2010.
- Heckert, A. L. C.; Rocha, M. L. A maquinaria escolar e os processos de regulamentação da vida. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. spe., p. 85-93, 2012.
- Jornal do G1. Medicina é o curso mais concorrido do Sisu; inscrições terminam hoje. São Paulo. 12/11/2015.
- Lane, S. T. M. Linguagem, Pensamento e Representações Sociais. In: Lane, S. T. M.; Codo, W., organizadores. *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- Legnani, V. N.; Almeida, S. F. C. Hiperatividade: o “não- decidido” da estrutura ou o “infantil” ainda no tempo da infância. *Estilos da clínica*, v. Xiv, n. 26, p. 14-35, 2009.
- Momo, M. Elementos para se pensar a gestão escolar em uma sociedade do consumo. 2010.
- Mota, M. C. S.; Maia, L. M. Estresse como Mal-Estar na Percepção dos Jovens Pré-Vestibulandos. *Psicologando*. 2013.
- Oliveira, M. C. S. L.; Pinto, R. G.; Souza, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em psicologia*, v.11, n.1, 2003.
- Oliveira, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. 3 Edição. *Revista ampliada- Petrópolis, RJ: Vozes*. 2010.
- Osorio, Rafael Guerreiro. Classe, raça e acesso ao ensino superior no Brasil. São Paulo: *Cadernos de pesquisa*. v. 39, n. 138, p. 867-880, 2009.
- Paggiaro, P. B. S.; Calais, S. L. Estresse e escolha profissional: um difícil problema para alunos de curso pré-vestibular. São Leopoldo: *Contextos Clínicos*, v. 2, 2009.
- Pelegrine, M. R. F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. *Psicologia ciência e profissão*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n.1, 2003.
- Severino, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23 Edição, revista e atualizada. São Paulo: Cortez. 2007.
- Soares, D. H. P. et al. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. *Psicologia: ciências e profissão*, v. 27, n. 4, 2007.
- Souza, B. P. Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- Szymanski, M. L. S. Dificuldades de aprendizagem (DA): doença neurológica ou percalço pedagógico?. Rio de Janeiro: *téc. Senac: a R. Educ. Prof.*, v. 38, n. 3, 2012.

- Taverna, C. S. R. Medicalização de Crianças e Adolescentes. *Psicologia. Escolar e Educacional*. (Impr.), v.15, n.1, 2011.
- Tesser, C. D. Medicalização social (I): o excessivo sucesso do epistemicídio moderno na saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.10, n.19, 2006.
- Totti, B. C. Notas preliminares sobre as drogas da inteligência. Texto recuperado em, 2008 - necso.ufrj.br. Disponível em: < <http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/resumos/36257.htm> > Acesso em: 02.03.2015.
- Tucherman, L.; Clair, E. S. Turbinando cérebros, construindo corpos: sobre mídia, biotecnologias e eficácia. *Revista Interin*, 2012.

## Índice Remissivo

### E

EAD, 2, 3, 4, 5, 8  
educação, 2, 3, 4, 5, 6  
ensino, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9  
  superior, 82  
Estado, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21,  
  22, 23, 25

### M

Metilfenidato, 30, 36, 38, 43, 44, 45, 46, 47, 49,  
  50, 51, 52

### P

Políticas educacionais, 14

Psicologia, 55, 56, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 67,  
  68

### R

religiosidade, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64,  
  65, 66, 67, 68

### T

TIC's, 71, 72, 73, 74, 81  
tutores, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

### V

voucher, 12

## Sobre o organizador

  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato:

lucasrodrigues\_oliveira@hotmail.com.





**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)